



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

EDUARDO ANGELO DE OLIVEIRA DAMASCENO

O CRIART, E SUAS RELAÇÕES COM TOCANTINÓPOLIS – TO

TOCANTINÓPOLIS –TO

2019

EDUARDO ANGELO DE OLIVEIRA DAMASCENO

O CRIART, E SUAS RELAÇÕES COM TOCANTINÓPOLIS – TO

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo com habilidade em Artes e Música, sob a orientação do Prof. Dr. Leon De Paula.

TOCANTINÓPOLIS – TO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

D155c Damasceno, Eduardo Angelo de Oliveira .
O Criart, e suas relações com Tocantinópolis – TO. / Eduardo Angelo de
Oliveira Damasceno. – Tocantinópolis, TO, 2019.
38 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2019.

Orientador: Leon De Paula

1. Educação do Campo. 2. Protagonismo Feminino Idoso. 3. Criatividade e
Memória. 4. Cultura e Arte. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

O CRIART, e suas relações com Tocantinópolis – TO

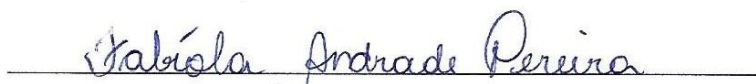
Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Tocantinópolis, Curso de
Licenciatura em Educação do Campo com
habilitação em Artes e Música, sob orientação da
Prof. Dr. Leon De Paula

Data de aprovação: 27 / 11 / 2019

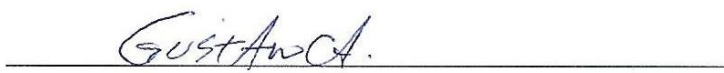
Banca Examinadora



Prof. Dr. Leon De Paula, Orientador, Universidade Federal do Tocantins, Campus de
Tocantinópolis (UFT).



Prof. Dra. Fabíola Andrade Pereira, Examinadora, Universidade Federal do Tocantins,
Campus de Tocantinópolis (UFT).



Prof. Dr. Gustavo Cunha de Araújo, Examinador, Universidade Federal do Tocantins,
Campus de Tocantinópolis (UFT).

Arte é a transmissão de sentimento que o artista experimentou.
Leon Tolstoi

Dedico esse trabalho aos meus familiares, e às pessoas da Associação de Criatividade Artesanal de Tocantinópolis – TO (o CRIART)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, que tenho muita fé, por ter me dado saúde, forças, e por ter me livrado de muitas coisas ruins. Agradeço também às pessoas que foram as principais em minha formação: minha mãe Elza Maria Conceição Oliveira, ao meu pai Antônio Araújo Damasceno, meu irmão Denis Oliveira Damasceno, minha avó Maria Conceição de Oliveira e também não me esquecerei de agradecer a uma pessoa que me ajudou desde o início do curso, Francilene Lopes Amorim, e ao meu grande amigo Wemerson Marinho, que me ajudaram muito no decorrer do curso, ao meu grande professor orientador Dr Leon de Paula, que foi meu professor, meu amigo, psicólogo, e que me ajudou muito na fase ruim da minha vida, me dando forças, me ajudando nesses momentos; também a uma pessoa que me ajudou de todas as formas, Silmara Conceição Barros; agradecer também ao meu parceiro de graduação, Danilo Santos Amorim, porque sempre a gente se procurava ajudar nos trabalhos, e também aqui agradecer aos amigos, André, Dailton, Yago, Janiel, WanglêsGil, que me deram forças para não desistir do curso, e também agradecer a todos os professores do Curso de Educação do Campo, e técnicos da UFT, que me ensinaram muito, onde me tornei outra pessoa, com um conhecimento melhor de muitas coisas.

RESUMO

O trabalho proposto tem como seu principal objetivo tratar de uma associação artesanal de Tocantinópolis – TO, conhecida como CRIART, existente há 18 anos e pouco conhecida do público. A associação também atende vários públicos, mas só as idosas mulheres participam. A partir de uma melhor percepção sobre o CRIART, surgiu a necessidade de se entrar em contato com as pessoas que formam a associação, para saber do que lá é tratado, investigar as razões pelas quais as pessoas da cidade não conhecem. Para se ter contato com o histórico da associação, foi preciso entrevistar algumas das artesãs que produzem no espaço suas peças, a fim de melhor conhecer o contexto da pesquisa. Na construção do trabalho, se deu a necessidade de falar da cultura em que associação esta inserida, pois ao falar do não reconhecimento ou da não visibilidade da entidade, o motivo poderia estar relacionado a algum aspecto da cultura local. Um dos principais objetivos a ser alcançado com a elaboração dessa pesquisa é que o CRIART seja mais bem reconhecido pelos habitantes da cidade. Assim, essa pesquisa tem como objetivo promover a visibilidade do que é realizado pelo CRIART.

Palavras – chave: Educação do Campo. Protagonismo Feminino Idoso. Criatividade e Memória. Cultura e Arte.

ABSTRACT

The proposed work has as its main objective to deal with a handicraft association of Tocantinópolis - TO, known as CRIART, existing for 18 years and little known to the public. The association also serves various audiences, but only older women participate. From a better understanding of CRIART, the need arose to get in touch with the people who make up the association, to know what it is about, to investigate the reasons why people in the city do not know. To have contact with the history of the association, it was necessary to interview some of the artisans who produce their pieces in space, in order to better understand the context of the research. In the construction of the work, there was the need to talk about the culture in which association is inserted, because when talking about the non-recognition or non-visibility of the entity, the reason could be related to some aspect of the local culture. One of the main objectives to be achieved with the elaboration of this research is that CRIART is better recognized by the inhabitants of the city. Thus, this research aims to promote the visibility of what is done by CRIART.

Key words: Rural Education. Elderly Female Protagonism. Creativity and Memory. Culture and Art.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

| | |
|--|-----------|
| Figura 1- Bolsa com estampa e bordada..... | 18 |
| Figura 2- Capas de almofadas, utilizando o bordado e crochê..... | 20 |
| Figura 3- Diana fazendo um enfeite de parede, utilizando o bordado..... | 22 |
| Figura 4- Quadrinhos de decoração..... | 24 |
| Figura 5- Toalha de mesa..... | 25 |
| Figura 6- Local onde funciona a associação..... | 35 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 O CRIART: Relações entre identidade e memória..... | 14 |
| 3 ARTE E CULTURA: UMA PERCEPÇÃO NO CRIART..... | 28 |
| 3.1 Um possível debate sobre a Hierarquização em Arte..... | 28 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 36 |
| REFERÊNCIAS..... | 38 |

1 INTRODUÇÃO

- Você conhece o CRIART?

Essa foi a pergunta que me causou estranheza, e me chamou a atenção para algo existente na cidade em que vivo e nasci e que, até então, não conhecia.

Junto dessa pergunta, me surgiu outra:

- Por quê eu não conheço o CRIART?

Ainda que a Associação de Criatividade Artesanal de Tocantinópolis (CRIART) exista há mais de 18 anos, assim como eu, constatei que muitas pessoas da própria cidade nunca jamais tinham ouvido falar dessa associação. Foi daí que decidi ter o CRIART como foco da minha pesquisa.

Este trabalho traz o levantamento da história de uma associação chamada CRIART, que está inserida no município de Tocantinópolis, extremo norte do Estado do Tocantins, e que, de fato, muitas pessoas da cidade desconhecem. Constatada a estranheza em torno da questão, surgiu-me a ideia de entrar em contato com a Associação, no intuito de conhecê-la melhor, e também investigar a razão de muitas pessoas não a conhecerem.

No decorrer da pesquisa, estabeleci contato com a associação, e ao conhecê-la, vi que a entidade tem como principal objeto de suas atividades o trabalho e o desenvolvimento da criatividade de modo artesanal, que atende a todos os públicos (mas que, curiosamente, só as mulheres idosas participam).

Sendo uma associação voltada a todos os públicos, outra pergunta me surgiu (além daquelas duas):

- Por quê só as mulheres idosas participam?

Então, percebi nisso o meu espanto, sobre o porquê de muitas pessoas não conhecerem e no porquê de outras pessoas da cidade não participarem dessa Associação. Outra coisa que percebi é que não existia quase nenhum registro devidamente sistematizado e acessível que contasse sua história, ou até mesmo do que ali é elaborado. E, do pouco que é possível encontrar sobre a Associação, as informações são desencontradas (especialmente dados que servissem de referência à pesquisa). No decorrer de todo o trabalho, com as informações levantadas, foi possível a divisão em dois capítulos, considerando as coisas que surgiram de acordo com a necessidade de serem abordadas, dentro do contexto no qual precisavam ser tratadas.

O primeiro capítulo está intitulado como *O CRIART: Identidade e Memória*, por dedicar a atenção, nessa etapa da pesquisa, às idosas participantes da associação, e de melhor conhecer o contexto histórico da associação, e assim estabelecer um diálogo mais próximo das suas identidades. E, a partir da memória das idosas, saber intimamente do que trata a associação, sendo que muitas delas participam da associação desde o seu início. Para ter o acesso a todo o histórico do CRIART, foi elaborada uma entrevista para algumas participantes, com o objetivo de conhecer a história da associação, e também destacar a memória das entrevistadas, e saber como foi construída a associação, quem a idealizou, e

porque foi criada. Durante a elaboração desse capítulo, com base nas entrevistas, entrei em contato com a associação tanto na parte das elaborações do grupo como na parte individual das participantes. Por meio do contato com algumas participantes pude conhecer os materiais que elas trabalham, e no tempo que frequentam a associação. Com isso, elas falaram em qual parte trabalhavam, onde cada uma da associação é encarregada por uma parte e, com isso tudo, percebe-se que as pessoas do CRIART gostam do que fazem.

No segundo capítulo, intitulado *Arte e Cultura: uma percepção no CRIART*, apresento a relação da arte com a cultura no contexto da Associação, na tentativa de tratar o que a arte pode beneficiar, tanto no que diz respeito à criatividade, como à expressividade, ligando ambas à cultura, uma vez que se sabe que arte surge nas relações de uma determinada cultura, a partir de seus saberes, suas crenças, sua vivência etc., e tratando do CRIART, pois o que lá é produzido é basicamente relacionado à arte e à cultura. Apresento também, nesse mesmo capítulo, como aquelas pessoas trabalham a arte em seus objetos (e que, aos olhos dos outros, aquilo pode ser visto como mero passatempo, ou -terapia ocupacionall, e não vê o real motivo que leva as pessoas àquele espaço).

Ao se falar de arte, não se pode esquecer que muitos consideram os modelos de arte apenas aqueles pertinentes às artes visuais, e acabam esquecendo que o termo -Arte| é muito abrangente, e que, na realidade, o conceito de arte não tem uma única definição, nem se dirige a uma única linguagem. Das principais linguagens, conhece-se a pintura, a arquitetura, a escultura, a música, o teatro, a dança, a literatura, o circo, a ópera, a fotografia, o cinema, a história em quadrinhos... e o que, costumeiramente, ficou conhecido como artesanato, por lidar diretamente com o universo da cultura popular, geralmente manufaturado.

A partir de tudo o que foi possível realizar, a ação da pesquisa também se revestiu de outro propósito: evidenciar o contexto histórico do CRIART, e as pessoas envolvidas, a fim de promover a visibilidade da associação, e da valorização da cultura local refletida por meio do CRIART.

2 O CRIART: Relações entre identidade e memória

Em Tocantinópolis, município do extremo norte do Tocantins (lugar em que nasci, cresci e vivo), encontrei certo dia algo que, até então, desconhecia: uma associação de criatividade artesanal, que realiza uma interessante ligação entre a cultura local e a arte (a partir do trabalho com eventuais materiais ou em torno de temáticas encontrados na região).

A Associação de Criatividade Artesanal de Tocantinópolis (conhecida pelo nome CRIART) se caracteriza por ser uma entidade sem fins lucrativos, aberta a receber pessoas de todas as idades que, voluntariamente, decidam se vincular a ela. Os produtos – feitos artesanalmente pelas pessoas que participam dessa entidade – apresentam, na maior parte das vezes uma carga de imagens, marcas, e aspectos que remetem à vivência cultural da região, visto que os artesãos trabalham criativamente a partir da cultura local, e do universo ao qual se sentem pertencentes.

Curiosamente, durante a -procural da história do CRIART, a associação, que existe há mais de 17 anos em Tocantinópolis, constatou-se que há por parte de seu certo desconhecimento acerca de sua existência não é tão conhecida por seus habitantes quanto poderia. O fato chama a atenção (visto que o município não é tão populoso, nem a entidade tão recente), e talvez seja possível, para uma tentativa de explicar tal fato, considerar algumas causas para a ocorrência disso.

Trabalhar a identidade e a memória, através do grupo de idosas que frequenta o CRIART, com o intuito de conhecer a história da associação, através de suas participantes. Ao trabalhar a memória das idosas, poderia-se adentrar na história do CRIART, e trabalhar aspectos da identidade local: esse foi o principal caminho adotado para a elaboração da pesquisa.

Por meio das entrevistas foi possível perceber que é uma associação de criatividade artesanal de Tocantinópolis. Em 06 de agosto de 2001, foram dados os primeiros passos para a formação da futura associação, a partir da constituição de uma comissão para inscrever pessoas que apresentassem espontânea vontade em participar da iniciativa. No início, a sede da associação estava localizada em frente à Escola Estadual XV de Novembro, e agora está localizado na Rua Maranhão nº506 em frente ao DETRAN. O nome fantasia sempre foi CRIART.

Para se chegar próximo das experiências vividas pelas artesãs¹, foi necessário trabalhar a partir das suas memórias como integrantes da associação, para identificar elementos que compusessem a possível história do CRIART. Para isso, fui ao local e busquei o contato direto com

¹ A fim de preservar a identidade das artesãs, adotamos as nomenclaturas entrevistada 1, entrevistada 2 e entrevistada 3

as participantes, para saber um pouco mais sobre a associação, até então não tinha conhecimento do que se tratava. Assim, ao perguntar sobre o processo de criação da associação 2 Entrevistadas relatam que:

Entrevistada 1 – Estou no CRIART desde a criação, onde estavam definindo como seria, que assim começaram a fazer inscrições de quem queria participar. Recordo que juntou muita gente, mas as pessoas queriam era ganhar dinheiro, que no momento não teriam recursos para estar pagando, que estariam ali para levar algumas idosas aposentadas a produzir materiais ou até mesmo aprender e conseguir fazer suas próprias rendas.

Entrevistada 2 – Participo do CRIART desde o começo, onde Dona Alcides, que era a idealista da construção da associação, saía convidando pessoas para estar participando, e também pessoas que sabiam bordar, fazer crochê, no sentido de ensinar outras pessoas... Que, no tempo, minha irmã tinha um *pit dog* perto de onde seria a associação. Dona Alcides chegou, e perguntou para minha irmã se queria participar, ou teria alguém para indicar, que logo minha irmã me indicou e eu fui ao local para conhecer e acabei ficando.

Percebe-se por meio dos relatos, que as pessoas que se inscreveram para participar queriam estabelecer, a partir da elaboração dos objetos, uma renda. Quando perceberam que, naquele momento, era só para participar (e até mesmo aprender), ao que parece, não tiveram mais interesse: a fala da Entrevistada 2 aponta que a idealista da associação -andava atrás de participantes para dar início ao seu objetivo. E, com isso, se observa que, desde o início, as atividades que o CRIART propõe são abertas para o público, onde recebem pessoas interessadas em ensinar e aprender, com o objetivo de produzir materiais para a associação ou para si mesmos, com o intuito de gerar uma fonte de renda. Com o documento elaborado pelas pessoas do CRIART, observa-se por meio do artigo 4º, que o objetivo consiste em:

- A - prestação de qualquer serviço que possam contribuir para desenvolvimento das atividades econômicas, sociais e culturais de seus associados e da comunidade.
- B – Geração de empregos às famílias mais necessitadas;
- C – Criação de cursos que serão ministrados por pessoas qualificadas com remuneração previamente estabelecida, direcionada a idosos, mães carentes, adolescentes e deficientes físicos. (cap.I, p.1).

De acordo com o estatuto, fica claro que o espaço está voltado ao atendimento de questões importantes da comunidade, de maneira a promover sustentabilidade financeira e certa segurança social, seja ela por meio de renda relacionada à produção de manufaturas, e até mesmo acolhendo pessoas com limitações de saúde. Mesmo com essa perspectiva, observa-se que a adesão é pouca, posto que a associação ainda seja desconhecida pela grande maioria da população. As atividades propostas pelo CRIART tendem a desenvolver a comunidade, a partir do que lhe seja culturalmente próprio e/ou característico. É possível observar que são poucas as pessoas que frequentam o CRIART, e as que frequentam são mulheres idosas, que participam da mesma porque gostam do que fazem gostam de estar ali; é o que aponta a Entrevistada 1 quando diz:

Entrevistada 1 – Frequento o CRIART por meio de uma terapia e também por vontade de servir, de saber que não sou inútil por estar aposentada. E a maioria que estão aqui são todas aposentadas, e todas têm sua casa e conseguem as coisas lutando.

Muitas pessoas que se aposentam, no município de Tocantinópolis, ficam mais restritas ao ambiente doméstico, e acabam sofrendo determinados tipos de doenças. Entrevistada 1 relata, ao contrário, buscou a associação como forma de dar uma resposta diferente ao que costumeiramente se observa, a esse respeito: ela própria relata que não se sente inútil, e que fica realizada em fazer algo, a partir do seu trabalho, capaz de causar admiração em alguém. Em uma fala sua, diz que fica realizada em produzir algo; que se sente bem, ao saber que está fazendo algo que algumas pessoas vão admirar (e até mesmo comprar). Sua identidade, e seu autorreconhecimento enquanto ser atuante diante do mundo e da vida passa pelo seu trabalho: em seu relato, percebe-se que, trabalhando na associação, é útil fazendo algo que agrada a alguém. Do contrário, não se sentindo útil, seria como se perdesse parte de um propósito (ou parte de sua identidade), como afirma Eclea Bosi, em seu *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*:

O trabalho manual, mecânico, intelectual, ocupou boa parte da vida dos entrevistados. Ele tem, para cada um deles, uma dupla significação:

1) Envolve uma série de movimentos do corpo penetrando fundamente na vida psicológica. Há o período de adestramento, cheio de exigências e receios; depois, uma longa fase de práticas, que se acaba confundindo com o próprio cotidiano do indivíduo adulto.

2) Simultaneamente com seu caráter corpóreo, subjetivo, o trabalho significa a inserção obrigatória do sujeito no sistema de relações econômicas e sócias. Ele é um emprego, não só como fonte salarial, mas também como lugar na hierarquia de uma sociedade feita de classes e de grupo de status.

Temos, portanto, que atender a essas duas dimensões do trabalho: sua repercussão no tempo subjetivo do entrevistado e sua realidade objetiva no interior da estrutura capitalista. Quanto ao primeiro aspecto, pode-se constatar que todos se detêm longamente e com muito gosto na descrição do próprio ofício. Como observa Celestin Freinet, um dos mestres da pedagogia experimental moderna, trabalho e jogo representam, no fundo, o exercício da mesma atividade exploratória do ser humano. (BOSI, p.471)

Conhecendo mais sobre a associação, percebe-se que o relacionamento e o acolhimento entre as pessoas são muito bons, e que isso gera um bom ambiente de trabalho, resultado na confiança mútua entre as artesãs, a partir de um sentido de disponibilidade para a colaboração. Para Entrevistada 1 (2019), -o relacionamento entre nós é muito bom! Eu considero elas (**sic**) como uma família, e quando sempre uma não vai, a gente sente falta. O tipo de relacionamento com as pessoas num determinado ambiente resulta no crescimento de que se possa chamar de -talento!, ou personalidade como diz Torrance:

Há muito tempo existe concordância quase geral em que o relacionamento entre pessoas é importante tanto no ensino em classe como em aconselhamento e psicoterapia. [...] Pesquisas em ambas essas áreas continuam a demonstrar a importância de bom relacionamento na orientação de crescimento, quer estejamos interessados no crescimento em personalidade, quer no crescimento em capacidade de aplicar princípios [...] (TORRANCE, 1976, p.184)

Os relacionamentos estabelecidos promovem o suporte necessário à manifestação criativa: como algumas pessoas têm mais experiência com aqueles processos de criação, outras pessoas (que estão -começando no ramo) podem exercer seu talento criativo, a partir dos modelos de arte apresentados pelos mais experientes. Isso é muito importante em um ambiente de trabalho, e no CRIART, de acordo com as entrevistadas, a qualidade percebida no ambiente se assemelha ao de uma família, pois algumas relatam que sempre se auxiliam quando precisam. E o que constatamos por meio do depoimento da Entrevistada 3, quando destaca que:

Entrevistada 3 – Venho para o CRIART, porque sempre gostei de trabalhar, e quando me aposentei, minha vida era só dormir. Com isso, tive dois pré-infartos (**sic**). Logo depois disso, comecei a frequentar o CRIART, onde me ajudou muito com o tratamento. E também as pessoas da associação me ajudaram muito, em um momento que perdi minha filha, e no ano seguinte perdi meu filho, [...] as pessoas me ajudaram, e o trabalho que eu fazia também: ocupava a mente, para não ficar pensando.

Percebe-se por intermédio desse relato que as pessoas do local se ajudam mutuamente, para além do que seja estritamente voltado às práticas diretamente vinculadas à manufatura. Além disso, a produção dos objetos de arte que ali são elaborados serve também como uma forma de superação de momentos difíceis. Isso acontece quando, ao produzirem, -ocupam a mentel, basicamente como numa terapia (tanto mental, como física).

Depoimento da Entrevistada 3 aponta que, o CRIART se configura como um espaço vital para lidar com outras questões, que vão muito além de aprendizados técnicos voltados à manufatura. O funcionamento da associação (para atender às questões estritas ao fazer artesanal, quanto essas que Entrevistada 3 nos diz) passa por uma busca de recursos financeiros para que a mesma esteja atuante. A manutenção do espaço, bem como a promoção de suas atividades e patrimônio propriamente dito, rígido por meio do artigo 11 do estatuto do CRIART, o qual aponta que o patrimônio da associação será constituído:

- A – Pelos bens de sua propriedade;
- B – Pelos auxílios, doações ou subvenções proveniente de qualquer entidade pública ou particular, nacional ou estrangeira;
- C – Pelas contribuições dos próprios associados, estabelecidas anualmente pela Assembleia Geral;
- D – Pela renda obtida em eventos sociais sob sua organização, como: serestas, sorteio, feiras e outros eventos que renderem recursos para a associação. (cap. III, p.4)

Como está no estatuto, o CRIART, por não ter vínculo financeiro com nenhum órgão capaz de lhe dar suporte quanto a isso, se seus trabalhos por meio de renda para a associação, que compram materias para trabalharem: linhas de bordados e crochê, fitas, agulhas, tecidos, etc. Para cada tipo objeto, um ou mais materiais diferentes são requeridos, dependendo do que está sendo trabalhado, e cada um tem suas técnicas de produção. Para quem quer aprender eles têm uma professora que ensina o passo a passo.

Salientar que a associação não está ligada a nenhum órgão, Entrevistada 1 fala que, na criação do CRIART, a idealista Antônia Alcides Praxedes foi até uma pessoa (que, na época era deputado estadual), para conseguir algum recurso, mas não obteve sucesso. Após, direcionou-se à prefeitura de Tocantinópolis para conseguir algum suporte, pelos menos na parte de manutenção da máquina de costura (que muita vez dá problema, pois elas não sabem consertar e tem que pagar, e isso gera custos...). Com todos esses problemas, e diante do não- atendimento de setores do poder público à época da existência daquelas demandas, onde procuraram recurso para estabelecer um auxílio e não foi possível, então tiveram que começar a produzir muito para gerar algum capital, a fim de manter a associação. Nessa direção, a entrevistada 1 aponta que:

O SENAI está dando cursos de produções de bolsas, saídas de praia... Nisso, algumas das vezes, eles nos ajudam, arrecadando algum material, onde a gente faz a produção com alguns tecidos estampados. Outros são feitos com o bordado.

Com esse tipo de curso de formação, elas tendem a produzir mais, e gerar alguma, mas também acabam precisando de participantes. A imagem abaixo mostra como são as bolsas, produzidas pelas artesãs do CRIART:

Figura 1- Bolsa com estampa e bordada.



Fonte- Angelo, Eduardo, 24 de outubro de 2019.

A imagem da destaque a duas grandes bolsas que se observa a cima, que apresentam celos que trás a logomarca da própria associação, o que demonstra a preocupação das artesãs em oferecer

ao público uma marca aliada a qualidade de seu feitiço. Provavelmente, a aplicação dessa etiqueta nos produtos está relacionada a algumas parcerias estabelecidas entre o CRIART e outras entidades.

Um órgão que se tornou, de alguma forma, parceiro à associação foi o SENAI: mesmo que não a auxiliasse financeiramente, acabava repassando materiais para o trabalho, e também oferecia cursos especialmente para as pessoas do CRIART, onde as pessoas iam até a associação para ensinar, fazendo com que se construíssem peças capazes de serem vendidas. Os trabalhos que são elaborados na associação, todos requerem cuidados, e cada pessoa fica responsável por uma etapa de produção (por exemplo: Maria é responsável pelo acabamento de peças, onde faz a costura à máquina; Diana é responsável por fazer o bordado manual; etc.), com todo o cuidado estabelecido a fim de obterem sucesso no (processo de construção coletiva).

Ao entrar em contato com a associação, percebi muitas coisas: uma delas, que me chamou a atenção, foi o fato de ter poucas pessoas (sendo que há uma comunidade repleta de idosos² em Tocantinópolis, além de outras pessoas que poderiam participar do CRIART), e outra questão é que a associação está aberta para todo o público... e somente as mulheres idosas participam; A Entrevistada 1 apresenta algumas hipóteses para a ocorrência desse fato, no trecho destacado abaixo:

Entrevistada 1 – Antigamente, jovens, crianças, muitas pessoas vinham aprender, mas não sei por qual motivo pararam de frequentar! Talvez seja por causa dessas escolas de tempo integral... isso pode ser um motivo. Mas no meu pensamento, só as idosas participam pelo motivo de não ter mais visibilidade, e também a associação é um meio de socialização, para não se sentirem sozinhas, de não ficar só em casa acumulando doenças. [...] Eu não sei por qual o motivo de muitos não conhecerem o CRIART, pois o nome sempre foi o mesmo: não sei se é por falta de divulgação, mas uma vez até pensamos em divulgar, mas não foi possível porque estava muito corrido e era o começo da associação, então deixamos de quieto e nunca mais pensamos nisso.

Nessa parte de seu depoimento, é possível perceber que certamente houve algo (que, até o momento, não é possível determinar), onde antes as pessoas procuravam conhecer o CRIART, para aprender e até mesmo trabalhar no local. Outras, iam à entidade para aprender o que é oferecido lá e, de lá, produzirem suas manufaturas em seu próprio domicílio. Outra questão de muitas pessoas não conhecerem o CRIART pode estar vinculada a uma suposta desvalorização cultural, em que muitos habitantes da cidade não têm interesse em saber do que se trata, ou valorizam outras iniciativas de fora do município. Segundo relatou entrevistada 1, muitas pessoas da cidade não compram o que as artesãs produzem, mas quando vêm pessoas de fora de Tocantinópolis é que vendem bem os produtos (sendo que muitos do município talvez prefiram comprar os mesmos tipos de artefatos em outras cidades). Para Ostrower:

² Segundo a Profa Dra. Fabiola Andrade Pereira, coordenadora do Grupo de Apoio à Terceira Idade (GATI), a —concepção de velhice mudou: os idosos tocantinopolinos concebem a velhice de uma forma diferente. A partir das atividades desse grupo junto ao município, com o respaldo da UFT, há uma —desconstrução dessa ideia de que ser velho é fixada em alguns afazeres (crochê, bordado, etc)!. (em 27 nov 2019).

A arte parece ser, aos olhos da maioria, apenas uma espécie de autoterapia, uma maneira de cada um descarregar seus sentimentos pessoais, numa atitude de subjetivismo que nos últimos anos chegou às raias de um exibicionismo mórbido (impingindo aos espectadores a condição de Voyeurs). (OSTROWER, 2013, p.114)

Com base nesse pensamento, o imaginário da maioria das pessoas tem essa concepção de que as produções artísticas servem como um meio de terapia: consideram que são um meio de se livrar de -algol que esteja incomodando. Mas muitas dessas pessoas não procuram saber do que se trata e/ou qual a trajetória foi percorrida pelo artista para se chegar à realização de um objeto artístico.

Figura 2- Capas de almofadas, utilizando o bordado e crochê.



Fonte- Angelo Eduardo, 24 de outubro de 2019.

A imagem a cima trás vários modelos de peças que foram elaboradas pelas pessoas da associação, que possivelmente são peças a serem utilizadas como capa de almofadas, e obviamente são elaboradas com a possível técnica, o (bordado e o crochê).

A imagem acima mostra parte dos trabalhos realizados na entidade, posicionados numa estante logo na entrada do CRIART, para que o público que venha ao espaço se sinta provocado a comprar o que é feito pelas artesãs que trabalham no CRIART. O cuidado utilizado para a amostragem dos produtos denota a preocupação em oferecerem o melhor que podem, no intuito de atenderem ao gosto do público, e também se percebe que decorrer da criação das peças não se trata apenas de fazer simplesmente seus trabalhos -por meio de terapia ou de expressar seus sentimentos, mas nitidamente fazem suas tarefas com declarado prazer em exibí-las, de modo que, de certa forma, pelas peças as artesãs também -se exibem ao público. Esse sentimento de agradar o público potencializa a vivência e a interpretação da arte (mesmo que não seja contemplado pelo o discurso hierarquizante sobre a Arte). Para Ostrower:

Não é preciso ser um especialista, para participar da arte e vivenciá-la como uma experiência espiritual. Uma coisa é criar, ou julgar profissionalmente, e outra é vivenciar, apreciar e recriar na sensibilidade as obras de arte. (OSTROWER, 2013, p.239)

As participantes do CRIART fazem seus trabalhos de acordo com suas vivências e até utilizam matérias que têm ligação direta com a nossa cultura, matérias que estão presentes em nosso cotidiano (como, por exemplo, o babaçu, em que algumas peças que são feitas na associação o utilizam para oferecer algum acabamento, ou até utilizam o mesmo para construir a peça por inteiro).

A arte em si tende a trazer um olhar diversificado para as coisas, seja causando a admiração, a curiosidade (até mesmo a desvalorização...), mas para participar e admirar de forma mais detalhada o que é oferecido a partir de um objeto artístico a pessoa que tem o objetivo de vivenciar, apreciar esse objeto não precisa ser um especialista (e um especialista vai criticar a obra adotando outros posicionamentos a respeito do assunto).

Sabemos que cada cultura estabelece seus modelos artísticos. Mas o fato é que certas relações em torno das artes na cultura local vêm acabando aos poucos. É possível deduzir isso no decorrer das entrevistas com as participantes do CRIART, quando falam que antes a associação era bem mais reconhecida do que agora, e que antes até crianças e adolescentes iam ao local aprender, mas que hoje em dia não se vê mais isso.

Como a associação é aberta a todos os públicos, o CRIART tentou trazer pessoas do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), para que ensinassem àquelas pessoas e incentivassem a elas a produção artesanal de peças artísticas. Trago aqui abaixo uma imagem de elaboração de uma peça, utilizando a técnica do bordado, para incentivar pessoas a estarem aprendendo.

Figura 3- Diana fazendo um enfeite de parede, utilizando o bordado



Fonte - Angelo Eduardo, 24 de outubro de 2019.

Na foto a cima e possível identificar, o uso de uma técnica de bordado(muito provavelmente, o ponto cruz). Na elaboração de um pequeno quadro em que a moldura redonda e o próprio bastidor responsável por manter o pano esticado. Na imagem também e possível observar o empenho das artesãs para o desenvolvimento do desenho criado, suspostamente por ela mesma.

Os participantes do CRIART são responsáveis por todos os seus trabalhos, e a equipe é considerada pequena. Mas um fato é que as pessoas que integram a associação convidam outras a participarem, mas são poucas as que vão ao local para conhecerem (e outras nem se dão ao trabalho de conhecerem). Nos depoimentos das Entrevistadas 1,2,3, o esforço das artesãs a respeito disso fica evidente:

Entrevistada 1 – A gente até convida as pessoas a vir, mas não depende só da gente e sim do interesse de cada um. E eu convido com o objetivo de estar participando do grupo, para estar se socializando com as outras pessoas, e também estar ajudando, de alguma forma.

Entrevistada 2 – A gente convida, sim, as pessoas a participar! Inclusive está no estatuto, que o objetivo da associação é ensinar, para que algumas pessoas que não têm (SIC) renda possam estar criando seus meios, ou estar trabalhando para o CRIART, para estar ajudando a associação.

Entrevistada 3 – A gente convida as pessoas direto, onde aqui é um local aberto para que tem (SIC) disponibilidade de participar, e até mesmo de aprender, trabalhar. Se quiserem trabalhar pela associação, a gente paga pela produção.

As entrevistadas colocam um problema que tem nas participações das pessoas na associação, pois conforme suas entrevistas elas falam que a associação está aberta para todos que tenham disponibilidade em participar, e que incentivam as pessoas a conhecerem e até mesmo participarem da associação, fazendo com que produzam suas próprias peças.

Sem dúvida, a arte do povo expressa algo que é comum a muitos e reflete, assim, as ideias da comunidade, porém isso é verdadeiro não só para a arte do povo como para toda a arte. A arte se origina de uma necessidade coletiva. (FISCHER, 1959, p.74)

Entrevistada 1 destaca que antigamente, quando começou a associação, algumas pessoas de comunidades próximas ao centro de Tocantinópolis vinham aprender: eram pessoas do Ribeirão Grande (comunidade a 10 km da cidade), pessoas do Folha Grossa (comunidade a 5 km da cidade), pessoas do Passarinho (a 7 km da cidade), mas que hoje em dia não tem ninguém mais dessas comunidades, e não é possível saber, até o presente momento, por qual seja o motivo dessas pessoas deixarem de frequentar o espaço: recordo que eram pessoas com muita facilidade de aprendizado, pois quando eram ensinados, as pessoas já construía suas próprias peças (Neuzanira, 2019).

Um melhor envolvimento entre a comunidade e a população provavelmente desencadearia em benefício para ambas: uma fonte mais sustentável para a obtenção de recursos para a Associação, e uma possível fonte segura de geração de renda de subsistência para certos setores da população, além de fomentar a arte direcionada à cultura local, utilizando o trabalho para expressar aspectos até então não visitados, esquecidos ou mesmo desconhecidos da expressão artística do município.

Nas entrevistas com algumas participantes percebi que partes dos depoimentos mexeram com seus sentimentos, a respeito de coisas que ficaram marcadas em sua memória: na produção de peças artesanais, algumas daquelas artesãs colocam seu modo de pensar através das coisas que ficaram marcadas na memória, pois cada peça é carregada de significado.

No CRIART, as participantes produzem peças que se destinam, na maior parte das vezes, ao uso em ambiente doméstico, tais como panos de prato bordados; capas de travesseiro feitas em crochê; ou quadrinhos com desenhos bordados, que podem servir como decoração da casa, conforme mostra a imagem abaixo:

Figura 4 - Quadrinhos de decoração



Autoria : Angelo, Eduardo, 24 de outubro de 2019

A imagem a cima, são quadrinhos que suspostamente elaborados pelas pessoas da associação, que fica exposto na parede da associação. Possivelmente são peças, que foram feitas a partir do que estejam presente em sua cultura.

Para quem quer participar do CRIART, tem que saber também que eles têm suas regras (como qualquer entidade), tanto para a produção, a participação, a responsabilidade para com o andamento da associação, os direitos, como diz o estatuto, na parte destinada aos direitos, deveres e responsabilidade:

Art. 9º São direitos dos associados:

- A – Votar e ser votado para membro da Diretoria ou do Conselho Fiscal a partir do momento que completar 180(cento e oitenta) dias como associados;
- B – Participar das reuniões da assembleia geral, discutindo e votando os assuntos que neles se tratarem;
- C – Consultar todos os livros e documentos da associação em época própria;
- D – Solicitar, a qualquer tempo, sob compromisso de sigilo, esclarecimento e informação sobre as atividades da associação e propor medidas que julgue de interesse para seu aperfeiçoamento e desenvolvimento;
- E – Convocar a Assembléia Geral e fazer- se nela representar, nos termos e nas condições previstas neste estatuto;
- F – Desligar-se da associação quando lhe convier.

O estatuto do CRIART serve para organizar a associação, onde é regulamentado todo o funcionamento da entidade, e para que participantes sigam certos parâmetros: votar nas diretorias, e para que as pessoas que tenham o cargo de presidente e vice presidente, possam cuidar de documentos da associação, e administrar recursos para a associação. Participar das reuniões a fim de se inteirar por dentro de tudo do que acontece, e quais os objetivos a alcançar. A questão de consultar os livros

e documento da associação, de fato isso é muito importante, pois a pessoa que entrar na associação estará conhecendo mais sobre a associação.

Conforme participam, as pessoas são informadas, a qualquer momento, sobre as atividades da associação, e assim propõem sobre quais materiais a serem nas elaborados nas peças, e as técnicas a serem utilizadas. Nisso são providenciadas, na medida do possível, todas os materiais necessários à execução do trabalho, com o objetivo de que os produtos atinjam um nível de excelência, capaz de causarem admiração aos olhares dos possíveis consumidores.

De acordo com Ostrower(2013), em nossas ordenações mentais entram tanto a memória de experiência do passado como a antecipação de possíveis ações. Não à toa, ao se chegar à associação e entrar para conhecer o que fazem ali, logo a pessoa se depara com algumas produções que estão ali à frente: esse primeiro contato resulta numa possível admiração com as peças expostas, e assim faz com que a pessoa queira ver ao todo as outras peças. Para mim, a figura abaixo seria um bom exemplo que convoca um olhar admirador sobre o que é produzido:

Figura 5 - Toalha de mesa



A bela imagem a cima, apresenta aspectos naturais existentes em nossa cultura, que são o babaçu e a folha do mesmo, a peça tende ser um pano de prato. Necessariamente trás na sua produção a possível técnica o ponto cruz.

A imagem acima traz algumas produções feitas pelas pessoas do CRIART, e nela é clara a ligação com temas próprios à cultura de Tocantinópolis (como produção feita, trazendo o babaçu em destaque): isso é uma coisa que está muito presente em nossa cultura. Trouxe essa imagem como exemplo, pois foi uma das várias que me chamou muito a atenção (e fiquei horas admirando, perguntando como se fazia aquilo).

Assim como eu tive a percepção de admirar as coisas do CRIART, até mesmo as pessoas que estão ali tem esse prazer em admirar suas próprias produções, pois na hora de mostrar as coisas que produzem, vão demonstrando com o olhar de franca satisfação sobre suas obras. Sobre isso, lembro-me que, quando estava tirando algumas fotos da elaboração das pessoas, Maria Cunha (uma participante, que ocupa atualmente o cargo de vice presidente), estava colocando na mesa as coisas a serem fotografadas, e me recordo como ela olhava, com aquele olhar de prazer de estar mostrando seus trabalhos: a ideia de satisfação, ideia de objetivo alcançado. No decorrer disso, ela vinha com mais coisa que teria elaborado, a ponto de querer mostrar todas. Eu me deparava com as obras, e ficava muito surpreso. Nesse momento, eu ficava perguntando como é que ela conseguia fazer aquelas belas peças, e até perguntava se as coisas que faziam requiritavam todo um trabalho (e que seria bem difícil fazer aquilo...), onde elas respondiam:

-não, isso a gente faz rápido!!.

No decorrer da entrevista percebi a insatisfação de entrevistada 1, na questão da venda dos trabalhos que ali são feitos, onde fala: -eu não sei porque as pessoas daqui de Tocantinópolis não compram os nossos produtos! O pessoal da cidade prefere comprar coisas de outras cidades, sendo que a gente faz as coisas mais bem feitas do que de algumas outras cidades, porque o nosso produto tem mais qualidade (NEUZANIRA, 2019).

O fato de muitas pessoas da cidade não comprarem os produtos do CRIART, traz a questão da desvalorização cultural, em torno das coisas elaboradas pelas pessoas da cidade, e que muitos não consomem, preferindo comprar fora do que na sua própria cidade.

Lembro-me que, quando estava observando as coisas da associação, Maria Cunha falava que foi um professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT), comprar algumas coisas, onde a pessoa ficou muito surpresa com o que ali era feito, e também comprou muitas coisas. Percebi o modo de como Entrevistada 3 falou isso, com o sentimento de satisfação em vender coisas para pessoas da cidade. Com isso também resulta no reconhecimento da associação (e do que é elaborado ali) pelas pessoas da cidade.

Quando se tem o contato com CRIART, a gente acaba notando algumas coisas: uma delas, que achei bem interessante, foi como elas se relacionam, e também como elas atendem as pessoas que vão lá para conhecer o trabalho. Elas se relacionam num clima que alegria, até mesmo elas brincam entre si com palavras engraçadas, trabalham com sorriso no rosto. Já as pessoas que vão lá para conhecer ou até mesmo comprar, são muito bem atendidas: me recordo que, um dia, vi um vestido na associação muito lindo (que vi que minha avó iria gostar). Quando eu falei que iria comprar, as mulheres falaram que eu podia levar a peça, e depois entregar o dinheiro (mas não aceitei). Quando voltei lá para comprar mesmo o vestido, eu não achei, pois já tinham sido todos vendidos.

Os vestidos que elas estavam confeccionando, eram peças decorrentes de um curso de confecção de vestido (bordados, estampados, etc.) que foi promovido pelo SENAI. Com esse curso, fizeram vários, onde eu fiquei muito admirado com o que elas conseguiram fazer, e até mesmo vi uma que iria agradar outras pessoas.

E, como os vestidos eram praticamente perfeitos... venderam rapidamente!

3 ARTE E CULTURA: UMA PERCEPÇÃO NO CRIART

3.1 Um possível debate sobre a Hierarquização em Arte

Alguns objetos artísticos que são produzidos e considerados pela cultura dominante como mais interessantes que outros sofrem, segundo Jorge COLLI (1995), a interferência de um discurso produzido com a finalidade de se estabelecer uma hierarquia sobre o que seja (ou não) Arte. Para o autor. Ele intervém, por assim dizer, na disposição relativa dos objetos artísticos; pretendem ensinar-nos que tal obra tem mais interesse que outra, que tal livro ou filme é melhor que outro (COLLI, 1995, p. 12). É possível considerar que esse processo de hierarquia, inserido no meio artístico, estará presente em todos os ambientes em que se produz e/ou se consome arte, relacionado à classificação de uma obra ser mais ou menos-interessante que outra.

Ora, é importante ter em mente que a ideia de arte não é própria a todas as culturas e que a nossa possui uma maneira muito específica de concebê-la. Quando nos referimos à arte africana, quando dizemos arte Ekoi, Batshioko ou Wobé, remetemos a esculturas, máscaras realizadas por tribos africanas da Nigéria, Angola ou da Costa do Marfim: isto é, selecionamos algumas manifestações materiais dessas tribos e damos a elas uma denominação desconhecida dos homens que as produziram. (COLLI, 1995, p.64)

No entanto, a arte é indispensável na formação de um indivíduo, pois é por meio dela que a pessoa poderá expressar certas ideias e experiências que, de outra maneira, não seja possível. Conforme Ernst FISCHER (1959, p.13) -a arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo como o todo, reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiência e ideias.

Entretanto, percebe-se que, no que se refere à arte e à cultura, cada comunidade/sociedade estabelece seus critérios, baseados em suas próprias crenças, valores, e seus modelos de produção em artes, dentre outros. Costumeiramente reconhecido como artesanato, pode-se entender que os trabalhos produzidos pelas frequentadoras do CRIART baseados e de acordo com termos culturais da região de onde as artesãs vivem seriam trabalhos autenticamente artísticos, e que culturalmente são desenvolvidos a partir de técnicas e métodos de ensino próprios à comunidade/sociedade que abriga e propicia a manifestação desse tipo de trabalho criativo. A elaboração de um objeto de arte não requer só trabalhar com os materiais: depende de todo o cuidado e atenção, em cada etapa de sua execução, como apresenta Colli, a partir de um texto de Jean Renoir sobre a falibilidade do objeto de arte:

A constatação de Jean Renoir mostra que a arte não é "em si" sequer do ponto de vista material, que, sem os cuidados dos homens e a atenção exigida pelo "para nós", ela tende ao desaparecimento. O texto leva aos limites extremos a idéia do parecer dos objetos, e sugere um outro problema, o do contínuo e imenso esforço que é necessário despender para manter a sobrevivência material dos objetos artísticos. COLLI, JORGE (1995, p.73)

A elaboração de um objeto de arte não depende somente dos materiais que serão utilizados: alguns artistas consideram, para aquilo que fazem, o gosto do público, e em como agradá-lo. E, em se tratando disso que se considera-artesanato, e o que está vinculado à elaboração desse tipo de objeto (que, muitas vezes, é feito para ser vendido, e se torna peça importante para algum tipo de composição de renda financeira), isso requer todo um trabalho, tanto na produção quanto na apresentação cuidadosa da obra executada para o seu público. Ao se elaborar uma obra de arte (e isso facilmente se observa, em relação ao CRIART), prevalece o cuidado de deixá-la sempre em boas condições, para não chegar a ponto de ser desvalorizada (ou mesmo não ser notada, aos olhos do público, ocasionando um -desaparecimento de uma obra). Sobre o CRIART e quanto aos objetos elaborados pela Associação, é possível reconhecer esse cuidado, principalmente na etapa de exposição dos produtos ao público, visto que a preocupação das artesãs se volta aos mínimos detalhes quanto a isso.

As sucessivas etapas de elaboração do objeto artístico estão submetidas a uma espécie de desejo, em que o artista identifica, em sua busca pela expressão, o momento de finalização de sua caminhada na construção desse mesmo objeto. É nesse processo que a criatividade encontra um ambiente propício para seu próprio desenvolvimento. Tendo em vista que obras artísticas a serem produzidas passam por extensos processos de criação, esses mesmos processos servem ou para o aprimoramento de modelos artísticos pré-existentes, ou para a ruptura desses mesmos modelos.

Para que se tenha o desenvolvimento de um senso criativo, faz-se necessário que o artista se coloque à prova, para um depuramento de suas próprias habilidades. Muitos artistas passam por fases de experimentações e tarefas que trazem determinados resultados, e através desse desenvolvimento, as produções artísticas acabam se baseando numa elaboração -teórica para resultar na produção da prática criativa. Se é possível observar isso em reconhecidos ambientes de desenvolvimento da criatividade, no CRIART igualmente se observa essa dinâmica. Assim, parte-se da percepção que os materiais, ferramentas e demais instrumentos disponíveis ao trabalho artístico no CRIART servem como uma forma de referência para o desempenho, com vistas à produção do objeto: as técnicas utilizadas são mantidas, mas sofrem variações, e são nessas variações que se evidenciam o processo de criatividade daquelas artesãs.

Segundo Torrance (1976), indivíduos dotados de capacidade criativa passam, muitas vezes, por problemas de ajustamento no meio social, em diversas esferas: Como criatividade envolve independência mental, não conformidade com pressões de grupo ou fuga do molde, é inevitável que indivíduos altamente criativos experimentem alguns problemas incomuns de ajustamento (p.123). Diante disso, é possível deduzir que um ambiente acolhedor ao princípio criativo seja aquele em que as relações sociais permitam ou promovam o livre trânsito entre ideias, bem como aos modos de concepção dos objetos artísticos. Para FISCHER:

Para conseguir ser um artista, é necessário dominar, controlar e transformar a experiência em memória, a memória em expressão, a matéria em forma. A emoção para um artista não é tudo; ele precisa também saber tratá-la, transmiti-la, precisa conhecer todas as regras, técnicas, recursos, formas e convenções com que a natureza esta provocadora pode ser dominada e sujeitada à concentração da arte. A paixão que consome o diletante serve ao verdadeiro artista; o artista não é possuído pela besta-fera, mas doma-a. (FISCHER, 1959, p.14)

A construção de um ser artista passa por diversas fases. Cabe ao artista lidar com a matéria prima (seja ela qual for) como forma ou fonte criadora de modo a ser expressiva, de alguma maneira: para essa realização, um artista passa por variadas etapas, para que possa estabelecer seus meios produtivos, e regras que estão nesse processo. Muitas pessoas se consideram e até são consideradas artistas. No entanto, o discurso hierarquizante encontrado no meio artístico não privilegia o fazer artístico de artesãs como as que trabalham no CRIART.

De acordo com FISCHER (1959) a tensão e a contradição dialética são inerentes à arte; a arte não só precisa derivar de uma intensa experiência da realidade como precisa ser construída, precisa tomar forma através da objetividade (p.14). A arte se estabelece no diálogo feito pelo artista, entre realidades distintas que, eventualmente, possam se intercomunicar no momento da experiência: uma ideia pode levar a outra, intensificando a criatividade, estabelecida como em processol. Ou seja: um ambiente que não promova as trocas de saberes e o exercício livre de expressividade artística, pode ser considerado morto (e até mesmo nocivo) para o desenvolvimento da criatividade.

Observando o que é produzido a partir do CRIART, é possível perceber que os objetos tratados como artesanato podem vir a serem considerados objetos artísticos, se o parâmetro adotado para tal distinção de status for a cultura local a que estão vinculadas as pessoas que elaboram tais objetos, os temas recorrentes neles, e o público que venha a ter contato, ao qual se destina parte da produção. Nisso, a produção do artesanato pouco difere da produção de outros objetos artísticos, pois igualmente se relacionam com a cultura, e são prova de exercício de criatividade que requisita, dentre tantos recursos, também a memória.

Em minha aproximação ao CRIART, percebi que as pessoas que mais participam da associação são mulheres idosas, e que frequentam o espaço, muitas vezes, como uma forma de encontrar um suporte para outras questões, para além de aprimoramento técnico, mas mais próximo de um processo terapêutico, que vai prevalecer no seu desenvolvimento mental, fazendo que coloquem em prática a criatividade voltada às formas. Esse sentido terapêutico coloca em exercício o lado psicológico e também o físico, ao trabalhar habilidades sensíveis pertinentes à elaboração das manufaturas. Em seu estudo, TORRANCE (1976, p. 154) afirma:

-conclui que atividades criativas podem ser usadas como ingrediente no processo terapêutico, mas que atividade criativa por si só nunca pode ser uma cura. E mais:

Indivíduos altamente criativos em geral têm necessidades criativas muito fortes. São atraídos pelo misterioso, pelo desconhecido e pelo inexplicado. Tem forte necessidade de indagar, explicar, testar ideias e comunicar os resultados de seu teste. Indivíduos criativos precisam porém, de encorajamento exterior, para persistir em seus esforços. (TORRANCE, 1976, p.163).

Conforme esse pensamento, as pessoas criativas passam por algumas necessidades: uma delas seria a de estar em contínuo processo de criação, gerando também coisas novas; além disso, o incentivo e o reconhecimento social ao que é produzido são também questões importantes aos artistas. Torna-se próprio dos artistas lançar um olhar para coisas e processos que ainda não conhecem (e esse movimento talvez não possa ser definitivamente explicado). Logo, o artista verdadeiro gosta de desvendar coisas, e entende-se que a pessoa criativa precisa do apoio de pessoas que estejam fora do processo de criação, na busca de incentivo para o seu próprio desenvolvimento. No decorrer do processo de elaboração de objetos de artes, no caso das artesãs do CRIART, estabelecem etapas ligadas à explicação de novas ideias surgidas, testagem de eficácia, e comunicação dos resultados, para atender ao público. Conforme TORRANCE (1976, p. 167), muitos indivíduos criativos precisam desesperadamente de ajuda para reconhecer o valor de seus próprios talentos. Sem isso, continuarão a desprezar o que poderia ser seus bens mais valiosos. Assim, não reconhecem o valor de seus talentos, principalmente quando as pessoas não dão o devido valor aos seus trabalhos (e começam, por exemplo, a colocar defeitos no que é apresentado). Acaba que ocorre certa exploração, da seguinte maneira: se a obra for à venda, por mais que seja muito bonita e que tenha um grande custo, a questão de valor será explorada por um baixo preço e revendida por um preço maior. Sobre o artista, isso pode resultar no mal uso de seu talento, pela falta de recompensa.

Considerando o artista em seu papel, segundo o que diz FISCHER (1959), sua obra deve promover, junto ao público, um tipo entendimento que resulte em ação e decisão sobre a realidade que encerra a ambos (o artista, e seu público), de modo que o espectador esteja

para além da mera observação ou contemplação do que lhe seja exibido, e que seja levado a pensar, que formule um julgamento, com base no que viu. A arte, numa provocação criativa, deveria levar o público a participar de uma obra que esteja exposta, e a pensar criticamente sobre a realidade. Em se tratando das artesãs do CRIART, o que se observa pode ser o oposto do que é apresentado por FISCHER (1959), mas considerando a ação criativa no contexto da cultura local, o sentido não é menos importante, nem menos artístico. Percebe-se que FISCHER posiciona artista atribuído ao desempenho de uma função social que não se observa em todas as culturas (e, nisso, se observa, mais uma vez, um aspecto da hierarquização da arte...).

Artistas que elaboram seus objetos no contexto cultural em que estão inseridos, mas que não têm o reconhecimento de seus valores (dentre vários, também o financeiro) a partir de sua expressão naquilo que produzem, muito provavelmente se tornam vulneráveis (até mesmo socialmente falando), na medida em que aponta Torrance:

Como indivíduos altamente criativos frequentemente não reconhecem o valor de seus talentos, especialmente quando esses talentos são ridicularizados, eles são especialmente susceptíveis de exploração de vários tipos. Isso pode resultar no mau uso do talento, perda ou debilitação do talento ou falta de recompensa para os talentos. (TORRANCE, 1976, p.168).

De fato, essa questão parece ser verídica, ao se observar o contexto cultural da cidade de Tocantinópolis: muitas pessoas não valorizam o trabalho artístico produzido pelas pessoas da própria cidade, e seguindo uma lógica de mercado, os objetos são geralmente menos valorados por quem possa comprar (ou entender de Arte), explorando o trabalho dos outros muito mais do que deve: a respeito disso, compram por um valor menor, e revendem por um valor bem maior.

E outra questão também é que na maior parte das vezes, dentro do processo de hierarquização da Arte prevalece a opinião dos críticos, sem ao menos conhecerem o que é Arte, e fazendo com que o artista se sinta desvalorizado. Alguns indivíduos, que tenham potencial criativo, precisam de reconhecimento social, para então reconhecerem o valor de seu próprio talento. Sem isso, não se reconhecem enquanto artista, a desprezar o que tenham de mais valioso.

Alguns artistas trabalham suas obras de acordo com o decorrer das suas experiências vividas por si mesmos, ou experiências que sejam repassadas por alguém. Com isso, na produção de um objeto artístico, poderia estar constada coisas que estão presentes na cultura, uma vez que assim ela estaria disposta em forma palpável (ou -performada). Com base nas

experiências vividas, é possível a construção de modelos artísticos relacionados a uma determinada cultura, e revelando aspectos da cultura até então despercebidos (ou mesmo desconhecidos).

O processo de aprendizado criativo de um artista pode, muitas das vezes, ser influenciado no decorrer de suas vivências (dificuldades diversas, coisas que marcaram em sua vida etc). Conforme OSTROWER (1990, p.38), sem dúvidas, os traumas podem influenciar a criatividade de uma pessoa. Dependendo de sua magnitude, podem até mesmo impedir qualquer tipo de realização. Um artista tende a se desenvolver em seu meio, baseado principalmente nas suas próprias experiências, onde a resposta a determinados eventos (como, por exemplo, momentos considerados difíceis) é dada pelo processo e o resultado (o objeto), apresentados pelo artista.

Ao criar, o artista não tenta imitar os fenômenos naturais, mas procura extrair do vivenciar aquilo que é essencial e necessário'' para a expressão:

-a perfeição da medida justa, a culminância da beleza, a dignidade dos significados, às alturas da paixão [...] e assim, em gratidão à Natureza que o produziu, o artista lhe devolve uma segunda Natureza, sentida, pensada e humanamente completal. (OSTROWER, 1990, p.46).

O artista enriquece suas memórias e sua produção através de elementos da natureza, no entanto o modo de entrar em contato com esses elementos denota a cultura ao qual está inserida. De acordo com FISCHER (1959, p. 21) o homem é, por princípio, um mágico, na medida em que o ser humano trabalhará aspectos da natureza, indo além dela, ao transformá-la em formas, gerando objetos dos mais diferentes tipos.

A ideia de prazer não deve acarretar o ponto de vista desdenhoso de algo dispensável. Se a arte não é imediatamente vital, ela representa em nossa cultura um espaço único onde as emoções e intuições do homem contemporâneo podem desenvolver-se de modo privilegiado e específico. Isso não significa que, em nossa relação com a arte, a razão deixe de intervir. Está presente na fabricação do objeto artístico, pois para tanto precisamos de uma organização material e de um aprendizado técnico impossível sem ela. Dependemos também de um encadeamento lógico para ordenarmos nossas ideias quando queremos exprimir o resultado do nosso contacto com a obra de arte. (COLLI, 1995, p.104)

Muitos artistas trabalham sua produção, realizando uma busca pelo prazer, para atender a sua percepção de algo. A arte não surge por acidente: se constrói ao longo do tempo, e representa a cultura num espaço único. Sabe-se que a arte sempre esteve presente na comunicação humana e, através dela, o ser humano também pode demonstrar as suas emoções e seus modos de pensar. Percebi que no CRIART, com as suas produções eles ficam bem emocionados ao chegar aos seus objetivos.

A arte tem o poder de mexer com as emoções das pessoas, seja ela no decorrer da produção ou no fim. Tive, no CRIART, a percepção de um fato recorrente: que pessoas, no decorrer das suas construções, ficavam olhando para sua obra, e expressavam algo que parecia ser uma insatisfação, pois via que algo não estava dando certo. Mas a expressão mudava ao finalizar sua obra: percebia-se que o artista chegou ao ponto desejado, e eventualmente até se surpreendeu com sua criatividade. Ostrower, a esse respeito, cita algo interessante sobre a criatividade:

A fonte da criatividade artística, assim como de qualquer experiência criativa, é o próprio viver. Todos os conteúdos expressivos na arte, quer sejam de obras figurativas ou abstratas, são conteúdos essencialmente vivenciais e existenciais. Também os acasos podem ser caracterizados como momentos de elevada intensidade existencial, porquanto a criatividade é estreitamente vinculada à sensibilidade do ser. (OSTROWER, 1990, p.31)

A fonte da criatividade, como diz a autora, é o próprio viver, pois isso está ligado na experiência de sua vivência, e assim é possível construir modelos artísticos, conforme o que já se viveu. Como fala na citação acima, obras figurativas ou abstratas são feitas de acordo com as experiências: isso é um fato presentes em muitas culturas, pois se alguém pede que você construa um objeto (seja através de desenho, artesanato, pinturas, gravuras, etc.), a primeira concepção que surgirá na mente serão, muito provavelmente, coisas do seu tempo e espaço, coisas que já viu e que acredita, e sabe bem o que são. Uma questão que também acarreta a construção artística são os acasos, que muitas das vezes algo que ocorre como acontecimento fica marcado, de alguma forma, e algo que acontece como imprevisto, pode ajudar na construção do objeto, promovendo assim o desenvolvimento da criatividade.

Nas formas da natureza, podemos observar as delimitações quando os fenômenos ocorrem nas dimensões da escala humana. E nessa escala que se organiza e funciona nossa percepção (e nessa escala avaliamos as magnitude: a montanha é grande e a formiga é pequenall, sempre em relação a nós). OSTROWER FAYGA. (1990. p. 101).

Seguindo a mesma linha de pensamento, na questão da percepção de algo, muitas das vezes o ser humano se depara com a questão de escala, que isso ocorre do decorrer de seu aprendizado: a questão da escala se dá pelo fato de verificar que algo é maior ou menor, ou algo que é -mais bonito!; e outra, -menos bonito. Independente da cultura, muitas pessoas tem esse papel de avaliar as coisas como escala, que nisso resulta na exclusão de alguma obra, e beneficia outras.

Com o passar do tempo, culturas e artista vem trazendo meios e inovação em seus modelos de arte, pois o que era produzido antes pode servir como referência e ser uma transformação da realidade. Como diz Fischer:

Os fatos não se alteram, mas o conteúdo de realidade de um momento histórico varia conforme o ponto de vista que se adota. O que já foi futuro como aspiração se une na memória aos fatos passados, completando e revelando a realidade do tempo. (FISCHER, 1959, p.130)

O autor trata justamente da realidade em que cada objeto de arte se engaja, pois o fato da pessoa produzir algo (seja ela baseado em coisas do momento presente, ou em -fatos da história), vai depender do seu ponto de vista. A questão da memória na produção é bastante importante, pois fatos do passado, acontecimentos, etc., acabam se tornando recursos na construção de um objeto, e também podem trazer aspectos relacionados a uma determinada cultura, que algumas pessoas não tiveram contato. Assim, trazendo matérias de cultura e transformando em arte, pode realizar ligações do passado com a realidade presente.

O CRIART faz suas produções, mas sempre conectado à cultura. Isso resulta na manutenção da cultura por sua vivência, através de objetos produzidos tanto por meios tradicionais de elaboração (técnicas e temáticas), como também estão sendo produzidas com certas derivações de técnicas e temáticas, tratando de outra realidade.

Figura 6- Local onde funciona a associação



Autoria - Angelo, Eduardo, 08 de novembro de 2019.

A imagem mostra acima a entrada da associação. Para se chegar a ela, existem vários pontos de referência: um, que todos conhecem por aqui na cidade, é o Banco do Brasil. A associação fica próxima ao Banco e está localizada na Rua Maranhão, nº506, tendo como ponto de referência o atual DETRAN.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi elaborado a partir de uma percepção de um espaço chamado CRIART- Associação de Criatividade Artesanal de Tocantinópolis, que até então não tinha conhecimento do que se tratava. Para resolver a documentação de um automóvel no DETRAN – Departamento Estadual de Trânsito, o acaso, como processo criativo, me levou ao CRIART, que fica em frente ao DETRAN, de onde tudo se desencadeou para a pesquisa.

A decisão a respeito do tema de pesquisa se deu por não conhecer a associação: queria entrar em contato para saber do que se tratava, e sobre o que era ali feito. Daí me veio a curiosidade de ir até o local, e conhecer um pouco mais sobre a entidade. Ao ter o contato com a associação, as participantes falam que é uma entidade existente há 18 anos, onde surgiu a curiosidade de se perguntar para algumas pessoas da cidade se conheciam o CRIART, e constatei que muitas pessoas não conheciam, e as que conheciam, só sabiam onde estava localizado, mas não do que se tratava.

Com todo esse breve levantamento (tirando por premissa que eu não conhecia e também muitos não conhecem), vi que ali teria algo de errado, pois é uma associação que existe há bastante tempo e poucas pessoas a conhecem. Com a curiosidade em saber o que as pessoas faziam no CRIART, fui até o local, vi várias peças artesanais que estavam em processo de elaboração e algumas outras que já estavam prontas. Tive o contato do que era ali elaborado, e com as pessoas da associação (onde atualmente tem poucas pessoas participando).

Foi elaborada entrevista com algumas participantes da associação com o objetivo, de ter o contato do histórico da associação. E, com as entrevistas, foram lançada algumas perguntas sobre o que queria saber, direcionada às pessoas que participam, sobre a historia da associação, a cultura, aos trabalhos elaborados, etc.

Com base nas entrevistas, tive o conhecimento do que se trata realmente o CRIART. Além disso com as entrevistas, vi a questão do sentimento que dava suporte aos depoimentos, ao falar da associação, pois tem todo o decorrer de um tempo em que passaram momentos ruins e bons se apresentavam nos relatos, e também o sentimento de insatisfação no que se refere ao pouco reconhecimento do CRIART (uma coisas que elas não souberam responder e o porquê das pessoas não conhecem a associação).

Investigar o porquê de muitos da cidade não reconhecerem o CRIART se dá pela percepção de ver que o local não é reconhecido por muitos, e até as participantes relatam esse fato, e também não sabem o porquê disso acontecer, sendo que as mesmas convidam as pessoas da cidade para estar participando. Com isso surge a ideia, de pesquisar sobre esse possível fato.

Uma das hipóteses que ofereço para explicar a questão é a de que a arte produzida no CRIART é vista a partir de uma espécie de -sistema de hierarquizal de valorização do que seja considerado Arte. Isso pode ser um fator a ser considerado para se entender o possível não reconhecimento do CRIART dentro da própria Tocantinópolis (onde seus habitantes podem estabelecer outros fazeres e obras como -mais importantesl do que as que estão inseridas nas vivências da própria cidade, ou da cultura local).

As entrevistas mexeram muito com o sentimento das entrevistadas: teve aquele sentimento de tristeza, pois quando começaram a frequentar, passaram por muitas coisas ruins no decorrer dos anos, em suas próprias vidas. Mas a associação as ajudou muito nas dificuldades, e por isso se observa um sentimento de alegria no ambiente de trabalho, pois quando terminava alguma produção, a satisfação era evidente. Outro ponto que chama a atenção é o acolhimento das pessoas, quando alguém vai ao local para conhecer o que elas fazem.

No decorrer da construção do trabalho, do -ir atrás de coisasl sobre o CRIART, vi que não tinha quase nada sobre a entidade. Daí surgiu uma necessidade de escrever sobre a associação, com o objetivo de trazer a visibilidade da associação, e também, fazer que não só as pessoas da cidade conheçam, mas também algumas pessoas que venham a ler o trabalho, para que saibam de sua existência, portanto esse trabalho também contribui nesse sentido.

Fiz entrevista com 3 pessoas, mas tem várias outras que frequentam o CRIART. Talvez, numa futura pesquisa, entrevistando a todas as pessoas da associação, trabalhando em diferentes métodos, se possam colher histórias diferentes, ou sentimentos, e depoimentos do porquê frequentam a associação. Com isso também pode resultar na descoberta do porque muitos não conhecerem.

Constato a existência de um problema cultural na cidade, que acaba certamente desvalorizando o trabalho que lá é produzido, e também um problema de pessoas não irem ao local para participarem.

De fato com todo o problema de visibilidade da associação, o trabalho tende a promover a visibilidade e valorização do CRIART, pois através de toda a pesquisa feita, com todos os dados levantados, saio com a ideia de promover o conhecimento do mesmo, e também de levar pessoas a participarem, sejam elas crianças, adolescentes, idosos, e também homens, para que ajudem, de alguma forma, àquelas artesãs. Pois o trabalho busca, de uma forma ou outra, o reconhecimento do CRIART, e também trazer mais pessoas para participarem, sendo em diferentes faixas etárias e gêneros, pois por mais que homens tenham anseio dos trabalhos que ali são feitos, os homens poderiam optar por ajudar, em alguma manutenção ou em outras coisas que se disponham.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 17.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1959. Estatuto da Associação de Criatividade Artesanal de Ibrasa, 1976.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. 1.ed. São Paulo: Unicamp.1990 Torrance, Ellis Paul. **Criatividade: Medidas, Teses e Avaliação**. São Paulo: Tocantinópolis, v.1, 24 nov. 2015.

Entrevistas

BRITO, Neuzanira. F. **ENTREVISTA SOBRE CRIART**. 26 set. 2019. Entrevista concedida a Eduardo Angelo de Oliveira.

CUNHA, Maria de Jesus, P. **ENTREVISTA SOBRE CRIART**. 26 set. 2019. Entrevista concedida a Eduardo Angelo de Oliveira.

RÊGO, Diana. F. **ENTREVISTA SOBRE CRIART**. 26 set. 2019. Entrevista concedida a Eduardo Angelo de Oliveira.